



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 4, número 2, maio-ago 2015

## A REPRESENTAÇÃO DO CASAMENTO EM “O PRETENDIDO DOUTOR”



## THE MARRIAGE REPRESENTATION IN “O PRETENDIDO DOUTOR”

Caroline KLOSS  
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [A AUTORA](#)  
RECEBIDO EM 04/07/2015 • APROVADO EM 22/10/2015

---

### Abstract

---

This article assays the marriage representation in “O pretendido doutor”, of the gaúcho writer Múcio Teixeira, focusing for the woman, for the man and for them union. The tale represent the unhappy Alice’s story, who, forbidden to live with her loved, is obliged to marry with a stranger chosen by her father. The analysis of the narrative is about the theme and the element: narrative focus. The article’s guide referentials are: Anton (2000), Corção (1960), Del Pino (1987), Fernandes (1972) and Russel (1966).

---

### Resumo

---

O presente artigo analisa a representação do casamento no conto “O pretendido doutor”, do escritor gaúcho Múcio Teixeira, com o foco voltado para a mulher, para o homem e para a

união de ambos. O conto representa a triste história de Alice, que, impedida de viver com seu amado, é obrigada a casar-se com um desconhecido escolhido pelo pai. A análise da narrativa está voltada para a temática e para o elemento: foco narrativo. Os referenciais orientadores do artigo são: Anton (2000), Corção (1960), Del Pino (1987), Fernandes (1972) e Russel (1966).

---

## Entradas para indexação

---

**Keywords:** Marriage. The female will. Gaúcha literature.

**Palavras-chave:** Casamento. A vontade feminina. Literatura gaúcha.

---

## Texto integral

---

### Introdução

O gaúcho Múcio Scevola Lopes Teixeira nasceu em Porto Alegre, no dia 13 de setembro de 1857, e faleceu no Rio de Janeiro, em 8 de agosto de 1926. Foi poeta, folclorista, jornalista, memorialista, etnógrafo e formou-se em medicina na Bélgica. Destacou-se por ser um dos fundadores da Sociedade Partenon Literário, tornando-se também patrono de uma das cadeiras da Academia Rio-Grandense de Letras e da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Múcio Teixeira é o autor do conto “O pretendido doutor”, publicado originalmente na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* e, posteriormente, inserido na obra *Narradores do Partenon Literário*, organizada por Maria Eunice Moreira.<sup>1</sup>

No conto, Alice, apaixonada por Álvaro, é obrigada a casar-se com Feliciano, que, por ser possuidor do título de doutor, ganha o apreço do pai da jovem, Pedro de Magalhães. O casamento arranjado realiza-se; porém, o destino impede a continuação da união: Álvaro morre de amor e Alice falece pouco tempo depois. A história finaliza-se com Feliciano casando-se com uma viúva rica e com Pedro de Magalhães sentindo-se pesaroso, não pela morte da filha, mas pela ausência de um doutor na família.

Este artigo tem como objetivo analisar a representação do casamento em “O pretendido doutor”, focando o papel da mulher e do homem e a união de ambos, considerando o contexto socioeconômico e ideológico da época, tanto de produção quanto do universo ficcional representado.

### Fundamentação teórica

A diferença entre os gêneros quanto à maneira de se comportar e de agir é uma característica da sociedade, desde sempre. Porém, ainda hoje, há resquícios de

uma época na qual a supervalorização dos homens contrastava com o oposto em relação às mulheres.

A mulher, conforme Russel (1966, p. 23), principalmente no século XIX, não desfrutava de liberdade de escolha, sujeitando-se, primeiramente, ao pai e depois ao marido. Além disso, sabe-se que a combinação, a respeito da escolha do marido, era realizada, muitas das vezes, apenas entre homens, deixando a mulher em segundo plano. Del Pino (1987, p. 15) afirma: “A realidade é que a mulher é um ‘objeto’ para o homem. A realidade é que a mulher é ‘usada’ pelo homem”. O sexo feminino estava a serviço dos interesses do masculino.

Ao longo da história das mulheres até, em especial, o século XIX, o pai tratava do casamento da filha como um negócio. Considerando-se que “de certo modo as realizações dos descendentes de um homem são suas realizações, e a vida dêles continuação da sua” (RUSSEL, 1966, p. 21), o pai colocava expectativas nos filhos, e no caso das meninas, por pertencerem ao sexo feminino, eram vistas como propriedades negociáveis, sendo assim, a escolha do futuro da prole era definida de acordo com os ideais do pai.

Numa perspectiva psicológica, Anton (2000, p. 179) caracteriza da seguinte forma a figura paterna:

O pai é o segundo, na ordem das relações significativas. E o pai, por mais gratificante que seja, representa um corte na ilusão infantil. É a sua presença junto à mãe e sua importância para ela que vão mostrar à criancinha que ela não é tudo e nem pode tudo. Nesse sentido, a figura do pai fica associada a uma castração, ao ingresso na realidade, à ordenação do caos. Por isso, se diz que o pai representa a lei.

Desse modo, é compreensível a imagem repressora que a filha tinha do pai, ainda mais por tratar-se de alguém pertencente ao sexo masculino, à dominância. Assim, a menina encontrava-se em situação de desvantagem em dois aspectos: o de ser mulher e o de ser filha.

Assim, a saída da casa do pai e da mãe para a constituição de uma família própria, com um marido escolhido pelo pai, consistia, na época, num momento difícil e doloroso inerente ao futuro das mulheres. Para os homens, enxergar a mulher como um animal doméstico era natural, no entanto para elas não significava senão uma vida de labuta e sofrimento (RUSSEL, 1966). Se o papel da filha era obedecer ao pai, o papel da esposa não diferia muito dessa perspectiva, pois passava a obedecer ao marido.

O casamento, na contemporaneidade, segundo Corção (1960), tem dois objetivos: os interesses individuais dos cônjuges; e o que concerne ao bem dos filhos, da instituição familiar e da sociedade. Além disso, “entre os diversos fatores que constituem o sistema de fortificação da família está em primeiro lugar o da criteriosa escolha recíproca” (CORÇÃO, 1960, p. 45). Diante dessas concepções, é possível perceber que as ideias de casamento ideal vão de encontro ao modelo

cultural apresentado no universo ficcional do conto. Perante uma união matrimonial organizada de acordo com os interesses do pai, com um cônjuge desconhecido e a obrigação de constituir uma família, a mulher assimila sua situação de submissão e de inferioridade social, para a qual não vislumbra alternativa, senão conformar-se.

Essa situação de subjugação imposta ao sexo feminino, de acordo com Anton (2000, p. 33), não é inata:

Inicialmente, a ninguém é dado optar pelo seu grupo de origem, ninguém pode escolher pai ou mãe. Além disso, os primeiros passos na história de qualquer indivíduo são mais ou menos determinados pelos adultos que dele se encarregam. No entanto, gradativamente, a criancinha vai observando o meio onde vive e fazendo, espontaneamente, uma seleção de parceiros.

Naturalmente, o indivíduo torna-se capaz de julgar as pessoas que são semelhantes ou com afinidades mais próximas às suas no decorrer do seu desenvolvimento, sendo a escolha do cônjuge algo particular e inerente ao crescimento pessoal. Portanto, quem é mais adequado para realizar a escolha de um parceiro é o outro envolvido na relação.

Ainda que haja restrições quanto à escolha não imposta, o eleito poderá preencher as condições esperadas e fornecer um tipo especial de prazer ou de segurança (ANTON, 2000), configurando-se uma relação mais consistente com maiores condições de sucesso e crescimento. O oposto a essa atitude – a imposição – resulta em consequências negativas aos participantes. De um lado, a mulher não encontra uma base que lhe proporcione prazer ou segurança, devido à ausência de empatia ou amor pelo marido arranjado. E, de outro lado, encontra-se o homem, que, sem necessitar de grandes esforços para atingir seu objetivo, trata a esposa como simples objeto: “A crença do valor imenso da mulher é efeito psicológico da dificuldade de conquistá-la, e creio que se pode afirmar que quando um homem não tem dificuldade de alcançar uma mulher, o seu sentimento por ela não assume a forma de amor romântico” (RUSSEL, 1966, p. 49).

A seleção de um companheiro feita pelo pai, além de desconsiderar o livre arbítrio da filha e prestigiar somente as opiniões e os interesses masculinos, incute os seus próprios ideais, como, por exemplo, a escolha de um membro de uma classe social e não de outra. Questão que é inserida no contexto abordado por Fernandes (1972, p. 09): “O capitalismo não é apenas uma realidade econômica. Ele é também, e acima de tudo, uma complexa realidade sociocultural”. Isso quer dizer que a estrutura da sociedade proporciona determinadas opções e decisões. Como no caso da escolha do marido para a filha, quando: “Muitas vezes, o objeto eleito constitui-se num verdadeiro símbolo e a atração que ele exerce deve-se exatamente àquilo que ele evoca ou representa” (ANTON 2000, p. 39). O futuro marido precisa, mais do que se comprometer com a felicidade da filha, atingir os objetivos do pai, sendo a representação das características idealizadas, baseadas no contexto sociocultural e ideológico da figura paterna.

## O casamento no conto: o significado, os envolvidos e as consequências

O conto tem como personagem principal Alice, que, ainda menina, com quinze anos, apaixona-se por Álvaro, um rapaz de classe social mais baixa, mas que corresponde, na mesma intensidade, ao sentimento da jovem. “Amavam-se mutuamente esses dois corações gêmeos que palpitavam as impressões do primeiro amor” (TEIXEIRA, 2000, p. 166). Porém, pelo fato de Alice ser a filha única de um dos homens mais ricos de Porto Alegre e Álvaro ser um “jovem poeta, tão rico de sentimentos quão pobre de dinheiro” (TEIXEIRA, 2000 p. 166) instaura-se uma discrepância nessa relação.

Nesse momento, surge Feliciano, “homem de vinte e oito a trinta anos mais ou menos, de negros bigodes, pincenê e colarinhos a todo pano [...]” (TEIXEIRA, 2000, p. 166), que pede Alice em casamento. Diante da recusa ao pedido, apela para o Comendador Pedro de Magalhães, o pai da jovem, conhecido por sua ambição. Não foi difícil convencer o Comendador: “– Um doutor!... – dizia ele com seus botões – ora que finalmente posso bradar – Eureka! Estão realizados os meus sonhos dourados: rico, comendador, e o que é mais que tudo – sogro de um doutor!” (TEIXEIRA, 2000, p. 166).

A combinação é feita entre Feliciano e Pedro de Magalhães sem consultas à Alice. O casamento acontece, o mais breve possível, resultando em tristezas para o casal apaixonado: Álvaro enfermo em sua casa, e Alice sofrendo no altar da Igreja: “Pobre Alice! Tão bela! Tão jovem! E tão sofredora!...” (TEIXEIRA, 2000, p. 168). Ainda no momento matrimonial, a jovem procura pelo amado, encontra apenas sua irmã, que a informa da triste situação de Álvaro. Em casa, o rapaz, ao ler um último bilhete vindo da casa de Alice, desfalece.

Após a celebração religiosa, Dr. Feliciano, conforme a obrigação da profissão, juntamente com a esposa, visita um paciente: Álvaro. A visão do corpo sem vida do amado faz Alice desmaiar, voltar a si, rir e enlouquecer. Ao final do conto, a jovem tem o mesmo destino de Álvaro: a morte; Feliciano casa-se com uma viúva rica; e Pedro de Magalhães lamenta não ter um doutor na família.

Uma das questões que se destaca consiste na desconsideração da vontade feminina em relação ao seu futuro. Alice, com apenas quinze anos de idade é obrigada a renegar ao amor verdadeiro para entregar-se a um homem desconhecido, com o dobro de sua idade, somente para atender às vontades do pai. “Este, rico e estúpido como os fidalgos desta terra – fidalgos em miniatura -, não sabia como definir a satisfação que sentia em dar a mão de sua filha a um doutor” (TEIXEIRA, 2000, p. 166). Pedro de Magalhães decide o futuro de Alice com base nas suas próprias ideias ambiciosas e exibicionistas: “E, sem que consultasse Alice, começou a tratar do casamento, que devia realizar-se o mais breve possível” (TEIXEIRA, 2000, p. 167).

No momento em que a personagem principal é caracterizada como louca, é, justamente, quando se lembra do pai: “Então, depois de contemplar o marido de alto a baixo, olha para o céu, quer murmurar o nome de seu pai, e... irrompe-lhe dos

lábios uma gargalhada estridente. Enlouquecera!...” (TEIXEIRA, 2000, p. 172). Alice tem consciência da sua situação de submissão, principalmente em relação à figura paterna, que mesmo depois de causar-lhe imenso sofrimento, provoca-lhe o medo, a imposição, a lei, a reprovação e por essa razão, ao tentar murmurar (o contrário de gritar, de se impor) o nome do pai, não consegue. A presença, mesmo que mental, do que Pedro de Magalhães representa para Alice é tão forte negativamente que a menina acaba por desequilibrar-se psicologicamente.

Dentre os elementos da narrativa, aquele que mais se evidencia é o foco narrativo. O narrador, personagem em segunda pessoa, apresenta como característica uma fala dirigida às mulheres, o que pode ser notado no trecho: “Esse alguém, naturalmente, a mimosa leitora já adivinhou... sim, não enganou-se – é Álvaro.” (TEIXEIRA, 2000, p. 168); e em: “Ofereço o braço à leitora e convido-a a irmos até a casa de Álvaro.” (TEIXEIRA, 2000, p. 170). Ele participa da história: “Entrei na igreja em companhia de um amigo; os padres cantavam em redor de uma Eça iluminada, sobre a qual estava um caixão aberto; aproximei-me, e... quase recuei: – encomendavam Alice!” (TEIXEIRA, 2000, p. 172). E, além disso, é um defensor de Alice, mostra-se contrário à escolha do parceiro da jovem, sem considerar sua opinião e seu sentimento, e por essa razão fala diretamente para Pedro de Magalhães:

Louco! Que nem sonhas o quanto é hediondo o crime que cometes em querer embalde sufocar o afeto que espontaneamente irrompeu do coração de tua filha! Essa pobre inocente que imolaste aos ouropéis fátuos que deslumbra-te nas trevas de tua ignorância!... Louco! Três vezes louco! Sujeito aos preconceitos estúpidos de uma sociedade egoísta, que tudo exige, tudo quer; e nenhuma razão – por mais lógica que seja admite, nenhum sacrifício – por maior que seja agradece; autômato que te moves a ambições malditas, à sede de meros nada que te ressaca a alma estéril, deixas de apertar a mão sem luva do pensador modesto e não cores ao tirar teu chapéu a esse homem almiscarado – que procura encobrir num pergaminho as lendas negras de um passado de infâmias, a série numerosa de aventuras torpes!... Oh! Pedro de Magalhães!...” (TEIXEIRA, 2000, p. 169).

A voz narrativa é bastante direta, tomando para si as dores de Alice e proferindo as palavras que a jovem não conseguiu pronunciar, afirmando que sua fala é de “quem tem o desespero na alma, a maldição nos lábios e a indignação na consciência” (TEIXEIRA, 2000, p. 168). Essa indignação provavelmente se estenda até o final do conto, quando as personagens masculinas reafirmam a desvalorização com que trataram Alice, a representante feminina: Feliciano por meio da seguinte passagem: “Três meses depois o Dr. Feliciano unia-se em matrimônio à Exma. Sra. D. Luísa de Aguiar, milionária viúva do estancieiro Aguiar” (TEIXEIRA, 2000, p. 172); e o pai de Alice por meio desta: “O comendador Pedro de Magalhães vive ainda, e cada vez mais gordo; um tanto pesaroso, é verdade, porque não tem em sua família – um doutor” (TEIXEIRA, 2000, p. 172). Ambos

demonstram, por intermédio de seus atos, que Alice não teve importância para suas vidas. Para Feliciano, o ideal era o casamento, com alguma mulher que ele selecionasse, assim como se escolhe um automóvel ou uma roupa. E, Pedro de Magalhães não evidencia qualquer sinal de arrependimento no que se refere à filha, sendo seu único pesar o de não ter atingido seu objetivo ambicioso.

### **Considerações finais**

Alice, a personagem principal, é a representação feminina que exemplifica o modo como a vontade da mulher é considerada pela sociedade. Mesmo quando o assunto é o futuro da própria pessoa, a sua opinião não é ouvida. Pedro de Magalhães, por acreditar que a filha lhe pertence, focaliza os seus próprios interesses, escolhendo um genro para si e não um marido para Alice.

As combinações para a realização do casamento aconteceram, somente, por intermédio dos homens. A união matrimonial é representada como uma operação comercial, na qual o fornecedor é o pai, o comprador é o marido e o produto é a esposa. Feliciano, o “comprador” de Alice, a deseja, como um produto, e oferece uma moeda de troca para conseguir adquirir o seu objetivo. O homem conquista o fornecedor, Pedro de Magalhães, e, aproveitando-se da ganância do futuro sogro, oferece a oportunidade de ter um doutor na família, seu maior sonho.

O foco narrativo tem grande importância para a constituição do conto, por tratar-se da voz defensora da personagem principal. Consiste em um narrador personagem, que testemunha a história e expõe, explicitamente, sua opinião sobre e para o pai de Alice, em relação à seleção do futuro cônjuge da filha.

A temática do casamento, associada à figura da esposa Alice, é desenvolvida durante todo o conto, por diversos pontos de vista: o de Alice, o de Álvaro, o de Feliciano e o de Pedro de Magalhães. Para cada um deles a união matrimonial tem um significado. Para a personagem principal, o matrimônio é pesaroso por representar sua união, sem amor, com um desconhecido. Esse sentimento de tristeza é compartilhado por Álvaro, que se percebe impossibilitado de ser feliz (casar com a amada) por não possuir bens materiais. Diferente de Feliciano, que pertence a uma classe social mais elevada e que trata o casamento como uma negociação, sem agregar valor à esposa: Alice ou Luíza (a viúva rica), não há diferença, são simples objetos. E Pedro de Magalhães valoriza mais o símbolo, a relevância de ter um destaque associado ao seu nome perante a sociedade do que procurar a felicidade de sua família.

## Nota

<sup>1</sup> A narrativa “O pretendido doutor”, de Múcio Teixeira, foi publicado originalmente com o nome de “Alice”, na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, Porto Alegre, n. 7, p. 32-37, jul. 1875.

---

## Referências

---

ANTON, Iara L. **Camaratta**. A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORÇÃO, Gustavo. **Claro escuro**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

DEL PINO, Carlos Castilla. **A “função” de mulher**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editores, 1972.

RUSSEL, Bertrand. **O casamento e a moral**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1966.

TEIXEIRA, Múcio. O pretendido doutor. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Narradores do Partenon Literário**. Porto Alegre: IEL: Corag, 2000. p. 166-172.

---

## Para citar este artigo

---

KLOSS, Caroline. A representação do casamento em “O pretendido doutor”. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 4, n. 2, p. 25-32, maio-ago. 2015.

---

## A autora

---

**Caroline Kloss** é estudante do curso de Letras, na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Possui experiência como bolsista de iniciação científica, devido à participação em dois projetos: a) acerca do ensino de língua portuguesa e de literatura relacionados com a tecnologia, e b) sobre a leitura: a relevância da contação de histórias e processos de letramento.